

Ligações improváveis

Jovem expoente da literatura francesa, Emmanuel Tugny fala de sua trajetória, que mistura diplomacia, música e literatura

GUNTER AXT

Emmanuel Tugny, pseudônimo artístico do filósofo e diplomata Ronan Prigent, filho do crítico literário e poeta Christian Prigent, é músico e romancista nascido na França, em 1968. Considerado um dos jovens expoentes da literatura de vanguarda na França, publicou seu primeiro livro, *Les Impatiences*, em 1993. Seguiram-se vários romances (*Rheu*, *Les Trente*, *Mademoiselle de Biche*, *La Vie Scolaire*, *Byzance*, *Corbière le Crevant*). Tugny também é músico e compositor, e formou o grupo de rock Molytop em 2006, na França. Seu primeiro álbum solo, inteiramente gravado no Brasil, onde reside atualmente, em Porto Alegre, foi lançado na Europa no último dia 18 de setembro. Seu primeiro livro publicado no Brasil, *Morrer como Corbière*, também foi lançado em setembro, pela Editora Sulina. O público brasileiro já teve contato com Tugny pela CULT, em cujas páginas escreveu entre 1999 e 2001, durante período de residência em São Paulo. Nesta entrevista, Tugny fala de seu processo criativo, de sua obra, de família, da Bretanha, do Brasil e da esquerda francesa.

CULT – Por que construir um pseudônimo, uma personalidade artística? Tradição francesa, esforço para diferenciar o filósofo-diplomata do músico-romancista, ou diálogo familiar?

Emmanuel Tugny – É uma homenagem às duas mulheres que me elevaram, me promoveram. “Emmanuel” é o nome inicialmente escolhido por minha mãe no momento do meu nascimento, e liga minha atividade de escritor à minha fé. “Tugny” é o sobrenome de minha avó. Na minha visão, a escrita é uma determinação original feminina – eu a reporto à maternidade. Meu nome de autor testemunha essa remissão.

CULT – Interessante você relacionar a escrita a uma determinação feminina, ligada à maternidade. O feminino em sua literatura pode ser visto como uma força de distorção para o prisma masculino, um lugar onde se decide a linguagem e a possibilidade do poético?

Tugny – Sim, com certeza. A feminilidade é para mim o lugar fundante da intervenção sobre o logos, o lugar da “reprise”, no senso conferido por Kierkegaard, o lugar de retorno às fontes profundas dos mundos a fazer. A feminilidade determina minha escritura como sua destinatária, como

força sem desequilíbrio dos mundos que me inquietam. Ela é a textura de minha obra, sua “ordem das coisas”. Você tem razão: a feminilidade é, em minha percepção, “senso inventado”, “senso reencontrado”, “poesia”, ainda que para mim a poética seja o conjunto e a mistura dos poemas.

CULT – Filosofia, literatura, música, diplomacia e gestão cultural dialogam entre si na sua trajetória? Ou você as enxerga como disciplinas paralelas?

Tugny – O pianista Glenn Gould dizia que existiam dois tipos de músicos, aqueles que se concentram nos instrumentos e aqueles que se concentram sobre o produto musical. Eu estou entre aqueles para quem o instrumento ou o campo de criação importam pouco face à necessidade de produzir. Eu produzo de sorte a ver em todo espaço de intervenção um lugar a investir. É o investimento de um espaço cuja vacuidade cativa é o que importa, mas não o próprio espaço em si. Por tudo há matéria a fazer e a matéria do fazer me é um tanto indiferente.

CULT – Na França, cultura e diplomacia andam próximas, conceito e prática quase desconhecidos pela diplomacia brasileira. Como é o trabalho de um diplomata especializado em gestão cultural?

Tugny – Eu não tenho certeza se na França cultura e diplomacia são consubstanciais, ou, mais exatamente, eu não sei se a cultura está mais em evidência na diplomacia francesa do que em todos os outros domínios franceses. A França é um país cujo brilho e projeção estão fundados há muito tempo sobre o que chamamos, sem grande precaução, de usos lexicais, de “cultura” (grosso modo, eu nomeio aqui como cultura o conjunto de obras do espírito no domínio das artes e das letras). A diplomacia francesa carrega os traços dessa realidade, assim como a cozinha, a arte da guerra, a retórica, a educação, a sexualidade... Ser um diplomata francês é, sem dúvida, ter em mente essa herança. Não somos franceses fora da França sem estarmos associados a essa imagem patrimonial da França império da cultura. Penoso, sim, para os diplomatas franceses incultos... e feliz para os cultivados: eles se dirigem a seus interlocutores com fineza. Fique bem entendido: a questão da natureza da cultura é outro assunto. Lá reside nosso “polemos”. Mas, insisto, a diplomacia francesa é tão cultural como tudo o é na França, nem mais, nem menos.

CULT – Suas canções parecem ter um clima *hippie* sem capota, dialogando ora com John Lennon, ora com Johnny Cash, ou com Serge Gainsbourg... Quais são suas influências, como você dialoga com os anos 1960?

Tugny – Sim, tudo o que escrevo em música colhe sua fonte da era pop e jazz dos anos 1960 e 1970. O álbum que estou gravando no momento se abre bastante ao jazz. Foi uma era de generosidade coletiva, de curiosidade, de abertura máxima, de abandono às esperanças e de fé. Eu pertencço a esse tempo musical, ao qual espero associar um toque mais sombrio, que remete à violência das relações sociais vividas na minha adolescência suburbana.

CULT – A Bretanha, esta região de remota tradição mística, de irredentismo corso, de espírito aventureiro associado ao mar, tem sido há décadas um celeiro de agentes modernizadores da linguagem, de Tristan Corbière a Yelle, passando por Alain-Robbe Grillet. Há uma especificidade cultural bretã? Como a Bretanha chega à sua obra?

Tugny – Ela aparece com frequência. A Bretanha possui uma língua. Essa língua fez o aprendizado de sua torção por outra língua. Há na Bretanha, me parece, uma brutalidade terminal, escatológica, da natureza que parece convocar a língua a dizer o fato, a libertar da abstração gramatical válida para toda vida e para nenhuma. Falar a partir da Bretanha é em alguma medida, para mim, apropriar-se de uma gramática dos fins, uma língua da urgência a dizer ainda, a gramática e a língua pertencentes a quem vai morrer.

CULT – E o Brasil? Você morou anos entre São Paulo e Porto Alegre. Como essa experiência vazou para sua obra, considerando a literatura e a música?

Tugny – Quando eu deixar o Brasil pela segunda vez, terei vivido neste país por oito anos. Não sei exatamente de que maneira o Brasil entrou em meus livros... Direi que escrevi a maior parte de meus livros importantes no Brasil. A urgência de escrever é para mim brasileira, sem dúvida.

CULT – Como você lida com a dimensão psicológica em seus romances? Em que medida você explora a ideia de recesso dos personagens?

Tugny – Há obras de alienação de fluxo de consciência e há os mundos onde fluem as consciências, e não se trata do mesmo sujeito. Meus personagens são em geral formas mudas e rigorosamente pictóricas, cujos corpos se acham desajeitados face à desconfortável necessidade da palavra. São elementos do mundo para quem a necessidade da palavra é um sofrimento patente, já que ela implica um pacto de ruptura com o silêncio do mundo. Meus personagens são do mundo, sua palavra os convoca a se extrair dele e eles sofrem. Quanto à sua psique, a literatura é feita de vida e de linguagem; um personagem não tem psique porque a psique supõe ser suportada por uma *physis*, e nós falamos de literatura.



Creative Commons/Jacques Lalanne

EMMANUEL TUGNY: “Meus personagens são formas mudas e pictóricas, cujos corpos se acham desajeitados face à desconfortável necessidade da palavra”

CULT – Por que Tristan Corbière? A Bretanha, o protótipo do poeta maldito, mestre no estilo coloquial irônico, com pontuação complexa, precursor do simbolismo – a matriz de quem pensa a poesia como extensão da música –, filho de um famoso escritor e que adotou um pseudônimo. Há aí o encontro com sua própria identidade?

Tugny – Não. Minha mãe escreveu uma magnífica memória sobre Corbière em 1970 e eu desejava lhe render uma homenagem havia muito tempo. E, além disso, eu queria escrever um livro sobre matéria e morte, depois de *Choro* [publicado em 2004 pela editora Le Mot et le Reste]. Eu não chegaria aí sem uma ilustração. Corbière me apareceu como uma alegoria desse sujeito e eu o adotei como tal. Raros são os escritores que não são filhos de escritores. Esse livro é sobre a relação da escrita com a matéria e a morte. Corbière é um dos raros poetas que eu amo e é o “poeta de minha mãe”. Mas juro que escreverei um livro inteiro sobre meu pai. Eu já o fiz em *Rheu*, e voltarei ao tema, pois isso não me coloca dificuldades maiores. Mas *Morrer como Corbière* é um livro em que Corbière não é exatamente um herói.

CULT – Você trocou recentemente o tradicional PS pelo radical Partido Anticapitalista. Como você avalia o atual momento vivido pela esquerda francesa?

Tugny – Trata-se, para a esquerda francesa, antes de tudo, de repensar o mundo desde a ideia de que ele não existe fora de sua construção pelo pensamento político. A direita mundial ganhou uma partida: ela produziu a crença na realidade irrecusável da realidade, na redução do álamo da utopia ao campo do presente. É dignidade da esquerda pensar a utopia a partir de uma consciência de unidade do mundo e dos homens e de pensá-la fora dos relativismos sazonais do calendário político. ■